



REFLETINDO A FORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE DESVALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Gleidiane do Nascimento Lima; Sislândia Maria Ferreira Brito

Universidade Regional do Cariri- URCA

gleidiane-lima@hotmail.com

sislandiabrito@gmail.com

Resumo: O presente trabalho que tem como tema a formação dos educadores ante uma realidade de desprestígio e como objetivo a discussão sobre a postura docente frente à qualificação do ensino se estrutura a partir de uma pesquisa feita em torno dos conflitos existentes na formação dos educadores e sobre a desvalorização da classe docente em uma sociedade gerida pelo capitalismo, bem como o enfrentamento da realidade imposta pela contemporaneidade. Entende-se que tal análise é relevante à medida que proporciona a reflexão sobre alguns aspectos do cotidiano escolar e do exercício do magistério que por inúmeras vezes são compreendidos como naturais quando de fato são produzidos de forma intencional pelo movimento contrário a democratização do saber. Propõem-se para este estudo, reflexões sobre as problemáticas educacionais que envolvem a figura do educador como sujeito substancial no processo de ensino-aprendizagem e sobre as condições de trabalho e formação as quais são subordinados nesse interim. Para a construção deste estudo foi organizada uma pesquisa bibliográfica e entrevistas não diretivas com educadores das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública. Nessa direção, alguns teóricos foram fundamentais para esse momento da pesquisa, tais como: Libâneo (2001), Pimenta (2005) e Vasconcellos (2001), entre outros. Em vista disso, os resultados obtidos nos permite considerar que o papel social do profissional docente na sociedade contemporânea tem se configurado de forma complexa e laboriosa, pois as lutas da classe são fortalecidas por meio de uma unificação que em muitos casos necessita do rompimento com modelos preestabelecidos.

Palavras-chave: Magistério, desvalorização, formação, rompimento, transformação.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o profissional docente está imerso em uma realidade de múltiplos embates presentes no cenário educacional contemporâneo e que se exige do mesmo uma postura ante os impasses correntes no processo de ensino-



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aprendizagem, pode-se afirmar que a ação do educador nesse decurso é decisória na transformação ou conservação da educação vigente.

Essa discussão tem se tornado cada dia mais necessária, tendo em vista as condições de formação do profissional do magistério desde sua inserção no universo acadêmico até a continuidade deste processo quando o mesmo é inserido no chamado chão da escola. Nessa perspectiva se pode afirmar que o professor dá continuidade às reflexões que outrora foram realizadas no campus da universidade, tomando posicionamentos acerca da não-neutralidade do ensino, entendendo a educação como intencional e provocadora de resultados que poderão ser refletidos também a partir da negação, conservação ou transformação. Assim, Vasconcellos (2001) afirma que a ação docente em optar por essa ou aquela concepção revela o desejo, mesmo que inconsciente, em preservar ou modificar o sistema educacional constituído.

Tendo como afirmativa o fato de que os educadores têm enfrentado grandes obstáculos a serem ultrapassados na esfera educacional atual, percebe-se que há uma gama de elementos a serem analisados, levando em consideração que as problemáticas da educação não podem ser compreendidas isoladamente, fragmentadas da prática social, longe disso, os conflitos que ocorrem no cotidiano escolar são intrínsecos ao contexto econômico, cultural, político e histórico do corpo social. A esse respeito Libâneo (2013) afirma que a educação é inerente às questões sociais e nessa direção o ensino escolar está integrado às lutas de classe.

Partido dessas reflexões se faz necessário compreender que a formação do educador deve ser repensada e isso se torna crucial na construção do ser docente, da ação pedagógica e do apoderamento da identidade profissional do magistério. Não se pode esquecer que ocorre um processo formador, constituído de fases que gradualmente vão se organizando. Não se nasce professor, a docência não é inata, vai sendo construída paulatinamente na relação magistério-sociedade, educador e educando.

A formação docente precisa levar o indivíduo a posicionar-se criticamente diante dos fatos, construir uma consciência politizada e reflexiva que ecoe em sua prática



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

social, sem estes aspectos, assume um caráter meramente instrutivo, desumanizado e alienante.

Quando refletimos a formação e a função social dos professores, logo somos reportados as discussões a respeito das condições de trabalhos nas quais estão imersos. O ato de educar é exigente e trás consigo uma multiplicidade de responsabilidades. Do profissional docente espera-se habilidades, competências, formação continuada, conhecimentos e outras numerosas qualidades para o efetivo exercício da profissão. Uma das questões que não se pode esquecer é se efetivamente estão sendo assegurados os direitos da categoria. Sabe-se que a maior parte dos professores, especialmente os da educação básica não conseguem avançar na formação, sabe-se que grande parcela necessita trabalhar duplas e até triplas jornadas de trabalho para assegurar sua sobrevivência.

O PROFESSOR SUJEITO DA TRANSFORMAÇÃO OU CONTRIBUIDOR DA CONSERVAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL VIGENTE

Sabe-se que com realidade em que se encontra o cenário atual da educação brasileira, o professor pode assumir uma postura de negação, conservação ou de mudança. No fazer pedagógico do educador, muitos são os percalços que este precisa enfrentar para se constituir profissionalmente. O ciclo vicioso da educação excludente é nítido, diante disso é exigida do profissional da docência uma postura, entendendo que este, é sujeito deste processo.

Vasconcellos (2001) trás uma reflexão a esse respeito abordando as possibilidades de ações em que os professores podem ser inseridos. A primeira é o estado da negação, no qual o indivíduo nega as problemáticas educacionais e mesmo que inconscientemente reproduz as práticas ideologizadas e determinadas pelo atual sistema que delibera o modelo de escola e de ensino. A segunda alternativa é o reconhecimento que está subdividido em duas classes, os professores que reconhecem os problemas, no entanto, não se sentem sujeitos responsáveis pela mudança e conseqüentemente, também acabam por reproduzir os modelos pré-estabelecidos, e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

enfim, os educadores que reconhecem as problemáticas, assumem a postura de sujeito da transformação por meio do rompimento e do enfrentamento.

Entende-se que o maior artifício do professor é autonomia que conduz ao enfrentamento e que pode ser manifestada através de atitudes cotidianas, no dia a dia da sala de aula. Sobre isso Vasconcellos afirma que:

Através de sua atividade em sala de aula, o professor pode estar participando de todo movimento de transformação da realidade. Todavia, para que esta possibilidade se efetive, é preciso que assuma uma postura crítica diante dos desafios que estão colocados no cotidiano (VASCONCELLOS, 2001, p.76.).

A partir desta reflexão podemos perceber que o educador necessita assumir de forma efetiva o papel de agente de transformação, para tal ação é necessário compreender que a mudança ocorre em duas dimensões: no campo das ideias, a partir da modificação das concepções, visão de mundo e no campo das atitudes que abrangerá as práticas transformadoras realizadas pelo docente em seu fazer pedagógico.

Neste sentido Celso Vasconcellos afirma que:

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista objetivo (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto subjetivo (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.). (Ibid, p.77).

Com base nas concepções que defendem o enfrentamento e a luta da classe dos profissionais do magistério, percebe-se que a transformação acontece à proporção que se articulam movimentos dentro e fora das escolas. As mudanças efetivas dependem também do empenho desde o ensino de qualidade até as lutas por melhores condições de trabalho. O professor que se nega a compreender que esse modelo imposto é excludente e intencional está direta ou indiretamente negando ao educando as perspectivas de possuir uma formação que vá além da informação, da “educação bancária” na qual o aluno é entendido como uma tábula rasa na qual o professor deposita todas as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

informações necessárias para lhe capacitar e para lhe tornar mão de obra que suprirá as necessidades do mercado.

Partindo dessas prerrogativas se faz necessário que haja uma aproximação dos conteúdos com a realidade social, aliás, a prática educativa do educador não pode e nem deve estar dissociada da prática social, o trabalho docente em tudo se relaciona as condições externas, as dimensões políticas, econômicas, históricas e culturais do ensino. Vale refletir que não há um professorado neutro, imune das influências sociais. Deste modo, assim como o meio também age sobre o educador também age sobre o educando e esta ação de forma alguma poderá ser desconsiderada na análise do ensino e da aprendizagem. Nesta perspectiva Libâneo assegura que:

O trabalho docente se insere no movimento da prática social coletiva, ou seja: os homens produzindo e agindo conjuntamente na produção de sua existência material. O ensino escolar é elemento coadjuvante no conjunto das lutas sociais. Portanto, o trabalho docente é inseparável da prática social, o que significa que a primeira preocupação do professor é o conhecimento da prática de trabalho e de vida do aluno: suas condições sócio-culturais (vida, familiar, ambiente e social, conhecimentos e experiências de que já se dispõe, reações frente ao estudo das matérias, disposições psicológicas como motivação, autoconceito, linguagem, expectativas em relação ao futuro) e o quadro das relações sociais em que vive. (LIBÂNEO, 1986, p.77).

Nesse interim, compreende-se que o processo de ensino-aprendizagem está imerso na prática social a na forma como cada sociedade conduz a produção de sua subsistência.

Quando se atribui ao educador o papel de sujeito neste processo de transformação, não se excluem os educandos, do contrário, ambos são agentes da revolução na educação. O professor também tem a função de mediar e conduzir o aluno a essa educação libertadora que supere os paradigmas, os modelos postos e a lógica do ensino tecnicista.

A modificação que se propõe não é apenas no campo das ideias, da discussão teórica, mas a partir destas produzir uma base sólida para que a práxis educativa possa acontecer de fato, nessa relação constante entre teoria e prática, discurso e ação que se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

concretiza na sala de aula com os alunos e na postura docente frente aos desafios da sociedade contemporânea fortemente marcada por uma educação dualista, elitizada e excludente, cujo objetivo central não é a formação do indivíduo para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, mas para a instrução e a capacitação de operários irreflexivos.

O DESCONTENTAMENTO DOS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REALIDADE DA DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

Sabe-se que muitos têm sido os percalços encontrados na realidade educacional que colaboram para a não implantação da tão discutida educação pública democrática e de qualidade. É fato relevante também, que múltiplas questões são levantadas acerca de quais fatores e elementos são responsáveis pela não concretização do ensino de qualidade.

Nas entrevistas não diretivas com educadores da rede pública municipal de ensino, de forma específica os das séries iniciais do Ensino Fundamental, pode-se inferir algumas problemáticas que segundo estes fazem parte do quadro que constituem as adversidades no ensino e na aprendizagem. Dentre estas se destacam: a transferência de responsabilidades sociais que não são incumbências da escola, mas que estão sendo atribuídas as mesmas; a ausência da família na escola; indisciplina dos discentes; escassez de recursos pedagógicos; problemas de drogas lícitas e ilícitas na escola; gravidez na adolescência; evasão escolar; a ausência de elementos formativos na graduação do pedagogo que são essências na prática educativa; má remuneração do profissional do magistério; falta de estrutura; criminalidade e tráfico que perpassam a realidade de muitas crianças e pré-adolescentes das séries iniciais, sobretudo, em bairros periféricos e marginalizados; a dificuldade de aplicação das políticas educacionais que asseguram os direitos básicos do aluno e do professor; desvalorização e desautorização do professor em sala de aula; falta de autonomia didática. Diante de tais fatores, se pode afirmar desde já que os elementos causadores da desqualificação do ensino, da desvalorização do professor e das dificuldades de aprendizagem por parte do educando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

não são singulares, não possuem um só elemento gerador, mas é resultado de um emaranhado de questões sócio-políticas, históricas e culturais. A partir disto, já é possível refletir que a escola não é a detentora do antídoto para a cura de todos os males da sociedade, tendo em vista que está imersa nela e que esta é repleta de conflitos que não são apenas educativos.

Esta reflexão é importante para que percebamos o nível de complexidade que o profissional do magistério precisa se defrontar todos os dias e na grande parcela dos casos, em uma realidade de desprestígio profissional e desamparo social.

Como já mencionamos grande parte dos professores da educação básica precisam assumir determinada carga horária que muitas vezes dobra ou até triplica sua jornada de trabalho para garantir sua sobrevivência. Essa realidade implica muitas vezes na decorrente estagnação profissional, exaustão e restrição que colaboram para que a tão aspirada formação continuada não aconteça de fato.

É inegável que muitas ações têm sido desenvolvidas neste sentido, as políticas educacionais para formação de professores, as lutas por meio dos movimentos sindicais têm conseguido avanços expressivos como a própria legislação que garante ao educador uma parcela do seu tempo de trabalho para atividades extra-sala como planejamento pedagógico e capacitações. No entanto, há muito que se avançar no que tange a formação e valorização do magistério.

Outra luta, refere-se à equiparação salarial, haja vista que o professor da educação básica é em sua maioria mal remunerado e não possui a notoriedade dos docentes do ensino superior. O que influi claramente na qualificação do ensino básico, considerando-se que os profissionais de melhor qualificação não raras vezes optam pela universidade em detrimento da escola de educação básica, levando em consideração essa lamentosa realidade de depreciação dos educadores da base, da educação infantil.

O desestímulo e em muitos casos a desistência da profissão docente se reflete em todos os níveis, mesmo no superior. Existe uma ausência notória do incentivo às produções acadêmicas que contemplam o ensino, a sala de aula, a prática docente. Sobre isto Libâneo afirma que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Não são apenas os professores das redes públicas que estão perdendo o interesse pelo magistério ou deixando a profissão. Também nas universidades os pesquisadores que se dedicavam ao estudo de questões do ensino e da sala de aula estão preferindo temas mais gerais, análises crítica globalizantes. Está diminuindo sensivelmente o interesse pelas práticas de ensino, e não faltam pesquisadores superengajados na denúncia das mazelas do ensino, da interferência dos organismos internacionais, que lançam olhar de desdém sobre as pesquisas voltadas para a sala de aula. Ou seja, a desvalorização econômica e social do magistério, além de comprometer o status social da profissão, também retira o status acadêmico dos campos de conhecimentos que lhe correspondem, tornando o ensino uma linha de pesquisa menos "nobre". Não é casual, por exemplo, a pouca valorização dos cursos de licenciaturas nas universidades e a insuficiência de pesquisas nesse campo (LIBÂNEO, 2001, p.93).

Entende-se, pois, que os profissionais docentes, essencialmente necessitam do desenvolvimento de sua função pedagógica em sala de aula e também como pesquisador-colaborador do ensino de qualidade. O campo da pesquisa sobre as questões que contemplam o ensino precisa ser enriquecido e valorizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se inferir que a realidade do profissional docente está envolta em problemáticas sócio-políticas e econômicas. O cenário de desvalorização em que a categoria se encontra não é atual se considerarmos que o desprestígio em relação ao exercício do magistério é histórico e decorrente de um processo sucessivo que surge com o próprio desenvolvimento da escolarização brasileira.

Contudo, acredita-se na figura do professor como agente da transformação, sujeito que também é responsável pela luta pela democratização da educação e do ensino de qualidade. A docência não é natural, do contrário é uma construção social e como tal a formação de sua identidade também está sujeita a ação do meio, diante disso, não se pode deixar de considerar que os elementos supracitados no decorrer desta pesquisa indicam que os conflitos sociais interferem no exercício do magistério e na qualidade da educação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nessa perspectiva não se pode desmembrar o fazer pedagógico do educador da realidade na qual está submerso. Seria contraditório afirmar que o atual cenário de desvalorização profissional não afeta o exercício de seu ofício. Percebemos que as questões levantadas não se limitam ao cunho econômico, mas a valorização social da classe.

Deste modo, entende-se que a discussão da formação e reconhecimento do profissional do magistério como agente imprescindível na evolução da educação vai além do campo das ideias, do que se teoriza. Cada dia torna-se necessário uma política efetiva que assegure de fato aos docentes a possibilidade do exercício da profissão com remuneração digna e formação continuada em todos os níveis de ensino.

Desta forma, acredita-se que mesmo diante de um cenário desanimador e de uma forte pressão do sistema que contraria as possibilidades de transformação, existe uma perspectiva que não é utópica nem irreal, mas, sem dúvidas é um mecanismo de revolução: a luta. Somente por intermédio do enfrentamento é que os docentes em unidade com a sociedade e em militância pode converter esta realidade educacional que exclui, aliena e marginaliza o indivíduo.

Diante dos fatos apresentados, compreende-se que é relevante a discussão sobre a desvalorização da profissão docente e que a participação dos educadores neste processo de análise foi substancial para se entender o envolvimento dos mesmos, assim como suas visões de mundo e como se sentem ante esta realidade de desprestígio profissional.

Em suma, acredita-se que muito tem sido conquistado e que avanços aconteceram na carreira docente, no entanto, precisa-se avançar no que tange a manutenção do ensino e na assistência à categoria, pois se pode refletir que um profissional reconhecido e valorizado em sua área de atuação profissional realizará com excelência os fazeres e saberes de seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 48ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública.** A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido, Evandro Ghedin. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito da transformação.** São Paulo: 8ª Ed. Libertad, 2001.